

AGROECOLOGIA NAS FAVELAS: REDES LOCAIS PROMOVEDO SAÚDE

REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA



Realização



Fundação
Angelica Goulart



Apoio



INTRODUÇÃO

O projeto Agroecologia nas Favelas: Redes Locais Promovendo Saúde foi elaborado a partir de uma parceria já existente entre a AS-PTA e um conjunto de organizações nos territórios, sendo o CEM - Centro de Integração da Serra da Misericórdia na Penha; o Verdejar Socioambiental no Complexo do Alemão; a AAFA - Associação dos Agricultores da Feira Agroecológica de Campo Grande Processadores de Alimentos Artesãos e Amigos em Campo Grande; o Grupo Amigos da Horta e a Fundação Angélica Goulart em Guaratiba; a Amavag - Associação de Moradores Amigos de Vargem Grande e a Agrovargem - Associação de Agricultores Orgânicos de Vargem Grande, em Vargem Grande. Essas e outras organizações e grupos comunitários se articulam por meio da Rede Carioca de Agricultura Urbana e o projeto contribui para o fortalecimento da mesma.

Durante a elaboração do projeto, a partir de um debate entre as organizações, sistematizamos as as compreensões a respeito da saúde integral nas favelas, correlacionando-a aos determinantes sociais.

SAÚDE INTEGRAL: UM PANORAMA EM DIÁLOGO

Entendemos a saúde integral nas favelas como um conceito definido por uma perspectiva positiva relacionada à plenitude da vida individual e coletiva não restrita à mera ausência de enfermidades. Esse entendimento está em convergência com a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946), para a qual a saúde contempla o bem-estar físico, mental e social. Nesse sentido, a saúde integral é aqui assumida como um estado multidimensional que envolve as condições sociais, econômicas, psicológicas e sanitárias nas quais estão estabelecidas favelas. Isso implica reconhecer que problemas como violência urbana, machismo, racismo e falta de trabalho digno estão intrinsecamente ligados às condições objetivas determinantes da saúde das pessoas e coletividades. A abordagem da saúde integral no contexto de favelas deve, portanto, considerar as condicionantes específicas que determinam as possibilidades de ampliação do bem-estar. O ambiente permanentemente marcado pela violência e pela insegurança, por exemplo, afeta as condições de saúde, concorrendo para que os habitantes das favelas permaneçam atrelados a um ciclo de reprodução da pobreza e exclusão.

Da mesma forma, a falta de oportunidades de trabalho digno impede o acesso a recursos e direitos básicos, como alimentação adequada, moradia, educação de qualidade e cuidados médicos preventivos. Essas condições geram impactos negativos na saúde física e mental, restringindo as oportunidades de as pessoas buscarem tratamento e se prevenirem contra doenças evitáveis.

Portanto, para este coletivo, falar de saúde na favela é reconhecer e abordar os problemas estruturais e institucionais que nos afetam diretamente. É entender que a construção de uma agenda de saúde não pode ser alcançada sem enfrentar as questões sociais e econômicas subjacentes, e que qualquer abordagem para melhorar a saúde nessas áreas deve ser inclusiva e sensível às necessidades e realidades locais, além de contribuir para o enfrentamento dos problemas mencionados.

Precisamos cuidar da saúde, considerando o bem-estar físico, mental e social, compreendendo as dinâmicas e buscando o equilíbrio emocional, prevenindo doenças e promovendo o acesso a serviços, respeitando as necessidades e particularidades das pessoas e dos territórios. A abordagem agroecológica na construção de uma agenda de saúde integral significa incluir o debate sobre segurança alimentar e nutricional (SAN), o resgate de conhecimentos ancestrais (como o uso de ervas

medicinais), o cuidado com a terra e com as áreas verdes remanescentes e quintais nas favelas. Esse cuidado deve ser estendido a todas as formas de vida, inclusive aos animais e aos bens comuns, como nascentes de água, elementos arbóreos e às plantas espontâneas a partir das quais fazemos usos medicinais, alimentares e outros, que são presentes em nossas comunidades. Esses elementos formam a base para uma abordagem integral da saúde, que considera não apenas o indivíduo, mas também o ambiente e a comunidade como um todo.

Nesse sentido, reconhecemos a relevância das práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) como abordagens terapêuticas essenciais para fortalecer coletivamente os territórios. Portanto, a promoção dessas práticas deve ser incorporada à nossa agenda de saúde integral.

A colaboração entre os coletivos das favelas desempenha um papel fundamental nesse processo. Ao trabalhar de forma articulada em rede, podemos contribuir significativamente para a construção de uma agenda de saúde integral, que envolve um trabalho contínuo de comunicação e educação, de transformação cultural e o despertar do poder pessoal e coletivo para realizar as mudanças necessárias. Assim, fortalecemos nossas capacidades para estreitar os laços comunitários, compartilhar conhecimentos e recursos e ampliar o acesso aos serviços de saúde. Cada passo nesse sentido nos aproxima das soluções que almejamos, incluindo uma reconciliação com a natureza.

OBJETIVOS

Dialogando com essa concepção construída coletivamente sobre saúde integral, o Projeto Agroecologia nas Favelas, Redes Locais Promovendo Saúde teve como objetivo central “contribuir para a elaboração de uma agenda propositiva para a promoção da saúde integral no contexto de favelas na cidade do Rio de Janeiro, com base em práticas agroecológicas”. Nesse sentido, o presente documento foi elaborado visando sistematizar as experiências e os aprendizados ocorridos durante o período de agosto de 2024 a outubro de 2025, durante a realização do projeto, bem como ser um instrumento para a reflexão e proposição de desdobramentos.

Especificamente, o projeto Agroecologia nas Favelas se propôs a:

- identificar e sistematizar experiências de agroecologia como promotoras de saúde integral em 5 territórios de favelas;
- promover práticas e tecnologias sociais agroecológicas nos territórios por meio de intercâmbios de experiências focados em iniciativas de agricultura comunitária, visando à produção de alimentos saudáveis e práticas de saúde popular de cultivo e o uso de plantas medicinais;
- organizar e realizar incidência política na temática da agroecologia e seu papel na promoção da saúde integral em favelas e comunidades urbanas junto a gestores públicos, conselhos e espaços em redes da sociedade civil.



OS TERRITÓRIOS

O projeto foi desenvolvido em cinco territórios onde estão inseridos os denominados Arranjos Locais (ALs)¹:

- AL Campo Grande
- AL Complexo do Alemão
- AL Guaratiba
- AL Penha
- AL Vargem Grande

Cada Arranjo Local apresenta dinâmicas próprias e articula organizações comunitárias, equipamentos públicos e grupos locais comprometidos com a promoção da agroecologia e do bem viver nos territórios.

AL Penha

O Arranjo Local da Penha conta com a atuação do CEM – Centro de Integração da Serra da Misericórdia, organização comunitária com mais de quinze anos de existência, que tem desenvolvido ações voltadas à implantação de sistemas agroflorestais, organização de grupos de mulheres e fomento material, incluindo a distribuição de alimentos durante a pandemia de covid-19. No território, também está presente a Escola Municipal Brant Horta, que integra a rede de Ginásios Educacionais Tecnológicos (GET) da Secretaria Municipal de Educação; a Clínica da Família Ana Maria Conceição dos Santos Correia; a Arena Dicró; o Observatório de Favelas; e o Parque Natural Municipal Ary Barroso, vinculado à Fundação Parques e Jardins da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Os quintais produtivos estão localizados na comunidade Terra Prometida, no Morro da Caixa D'Água e na Vacaria (Vila Cruzeiro).

AL Complexo do Alemão

No Complexo do Alemão, a AS-PTA, em parceria com a Verdejar Socioambiental, organização comunitária local, realizou, entre os anos 2021 e 2022, o projeto “Agroecologia: Cultivando Saúde e Bem Viver nas Favelas”, no âmbito da chamada pública da Fiocruz de apoio a ações emergenciais de enfrentamento à covid-19 nas favelas do Rio de Janeiro. Como resultado, foi produzida a cartilha Tecnologias Sociais na Serra da Misericórdia. Nesse território, as ações se concentraram especialmente na Favela da Pedra do Sapo e na Sérgio Silva.

AL Guaratiba

Em Guaratiba, as iniciativas aconteceram nas favelas da Foice e Jardim Guaratiba, onde são desenvolvidas experiências de produção agroecológica e articulação comunitária, fortalecendo a segurança alimentar e nutricional e a organização local. Além disso, o Arranjo Local de Guaratiba articula hortas comunitárias na Escola Municipal Maria Helena Correia Sampaio, na Clínica da Família Alkindar Soares Pereira Filho, na Clínica da Família Hans Jurgen Fernando Dohmann e no bairro da Brisa. Destacam-se nesse território as parcerias com o Grupo Amigos da Horta, com a Fundação Angélica Goulart e o Minhocário Arboreum Plantas e Jardins em diversas atividades .

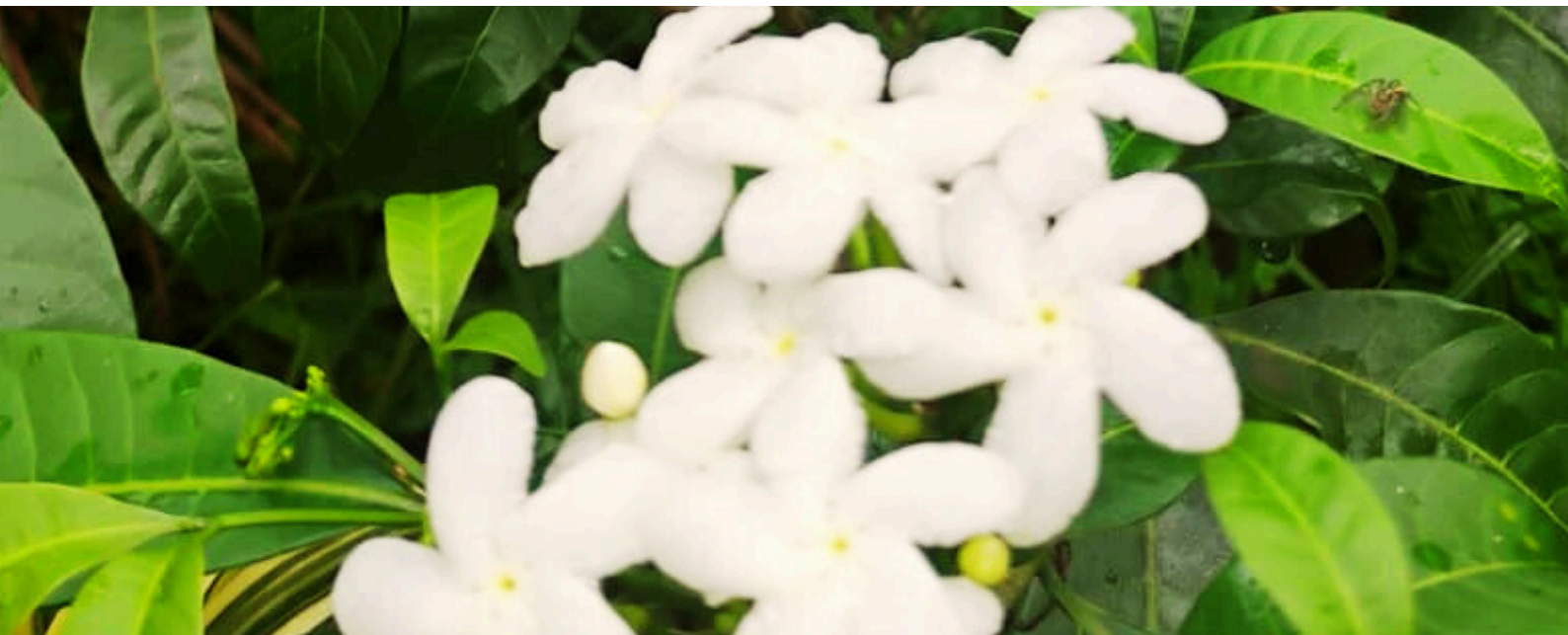
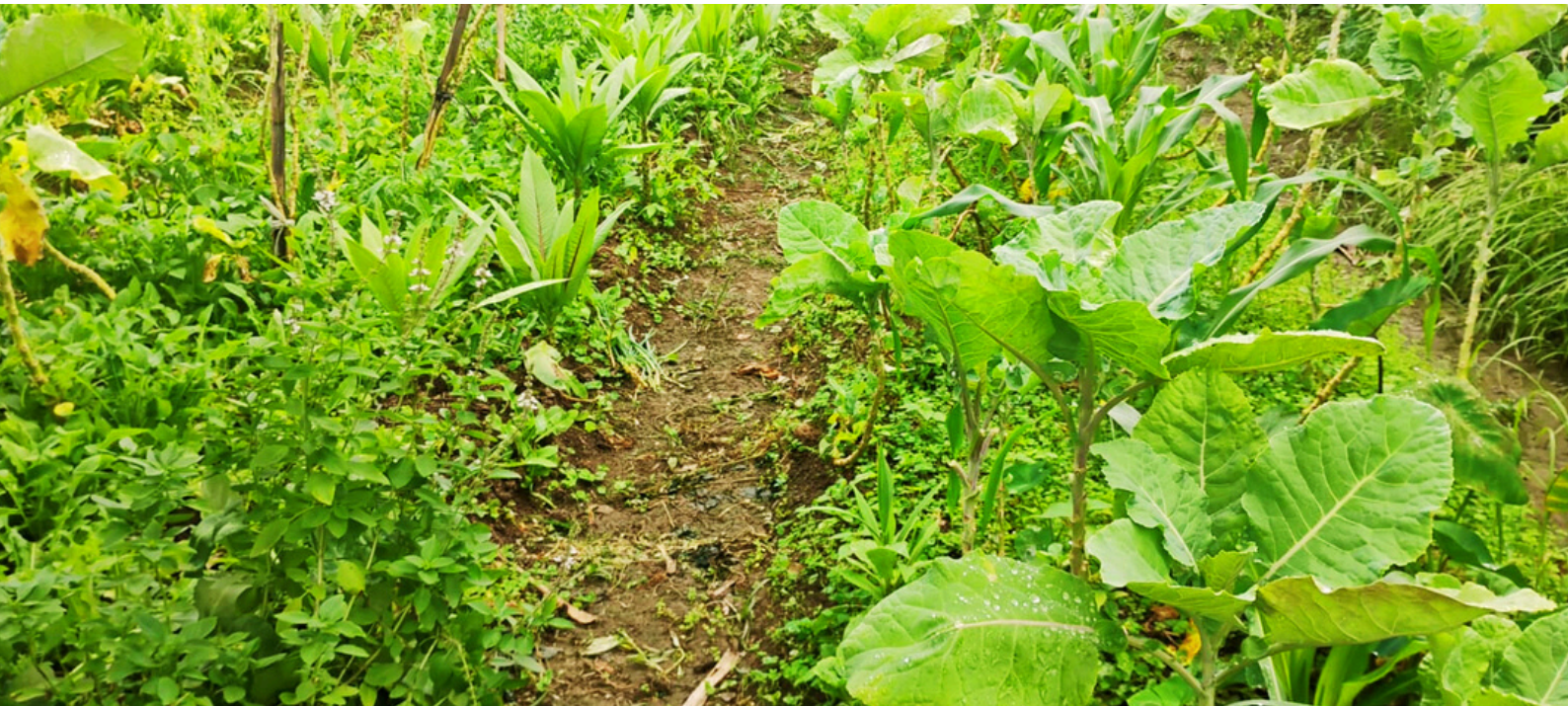
1. As ações foram desenvolvidas por meio da constituição ou do fortalecimento de redes locais nos territórios, denominadas Arranjos Locais (ALs), que articulam lideranças e organizações comunitárias, equipamentos públicos e instituições de pesquisa. Metodologia desenvolvida pela AS-PTA, Arranjo Local é considerada uma tecnologia social organizativa que compreende redes territoriais articuladas em comunidades de periferias e favelas que mobilizam organizações comunitárias, equipamentos públicos e organizações de assessoria e apoio, como ONGs, universidades, dentre outras.

AL Vargem Grande

Em Vargem Grande, os quintais produtivos estão situados nas comunidades da Cascatinha e Santa Luzia. O território conta com a presença do Centro Municipal de Saúde Cecília Donnangelo (CMS), que participa das discussões sobre saúde e agroecologia junto às comunidades locais e possui uma horta comunitária com foco em plantas medicinais. Também são articuladas hortas comunitárias e viveiros de mudas na sede da Amavag e na Escola Municipal Frei Gaspar.

AL Campo Grande

Em Campo Grande, o Arranjo Local se organiza por meio da Associação dos Agricultores da Feira Agroecológica de Campo Grande, Processadores de Alimentos, Artesãos e Amigos (AAFA). As favelas do Barbante (Nova Cidade) e o Quilombo Boa Terra (Jardim Monteiro) contam com o apoio dos CRAS Cecília Meireles e Luiza Mahim, vinculados à 9ª Coordenadoria de Assistência Social e Direitos Humanos (CASDH) da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. O CRAS Cecília Meireles atua na área do Quilombo Boa Terra, onde foi articulado o apoio a uma horta comunitária, e o CRAS Luiza Mahim atende à Favela do Barbante, onde foi apoiado um quintal produtivo.



GESTÃO DO PROJETO

A gestão coletiva do projeto foi conduzida por um comitê gestor formado por cerca de 20 pessoas, entre integrantes da equipe técnica da AS-PTA e lideranças comunitárias dos cinco territórios. O comitê se reuniu mensalmente para o planejamento e acompanhamento das ações.

A definição dos territórios de atuação baseou-se nas relações pré-existentes entre a AS-PTA e os grupos comunitários parceiros do Programa de Agricultura Urbana, desenvolvido pela organização desde 1999 na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

ATIVIDADES REALIZADAS

Foram realizados planejamentos de ações por território, com foco na implementação de tecnologias sociais, formações e a realização de intercâmbios entre os ALs, de acordo com as necessidades de cada local. As atividades realizadas foram: planejamento das tecnologias e desenho das hortas; mutirões; oficinas; cursos; seminários; visitas de intercâmbios; visitas de assessorias (Figuras 1, 2 e 3). Além das ações ocorridas em cada território, foram realizadas visitas intercomunitárias e proporcionada a participação em eventos de relevância no campo da agricultura urbana, como a Semana da Alimentação Carioca, o Festival Favela Sustentável, o Tira Caqui, o II Encontro Nacional de Agricultura Urbana e o Seminário de Tecnologias Sociais organizado pelo projeto (Figura 4).



Figura 1: Curso de Saneamento Ecológico na Serra da Misericórdia em parceria com o grupo MUDA - Mutirão de Agroecologia UFRJ, CEM e Verdejar.



Figura 2: Grupo participante de visita de planejamento das tecnologias sociais no alto da favela Terra Prometida - Complexo da Penha



Figura 3: Mutirão em uma das Hortas apoiadas, no Complexo do Alemão



Figura 4: Seminário de Tecnologias Sociais

DIÁLOGOS ENTRE AGROECOLOGIA E SAÚDE

As experiências sistematizadas pelo projeto Agroecologia nas favelas: redes locais promovendo saúde evidenciam os múltiplos diálogos entre agroecologia e saúde. Em territórios marcados pela vulnerabilidade socioeconômica e pela ausência histórica de políticas públicas, quintais produtivos e hortas comunitárias se afirmam como espaços que produzem vida e resistência.

A agroecologia, nesse contexto, vai além da dimensão agrícola. É também uma prática de cuidado, solidariedade, organização comunitária e defesa de direitos. Ao aproximar produção de alimentos, saúde individual e coletiva, fortalecimento das mulheres, justiça ambiental e consciência política; as experiências desenvolvidas durante a execução do projeto sinalizam para possibilidades de construção de cidades mais justas.

Comida de Verdade

O acesso a alimentos frescos, diversos e livres de agrotóxicos é um dos pilares da promoção da saúde a partir da agroecologia. Nos quintais e hortas urbanas, a produção está diretamente ligada ao consumo das famílias agricultoras, reduzindo a dependência de produtos industrializados e contribuindo para a segurança e soberania alimentar e nutricional. Além disso, a produção agroecológica valoriza os alimentos tradicionais e as plantas alimentícias não convencionais (PANCs), ou matos de comer, resgatando saberes e práticas culturais que reforçam a nutrição, identidade e a ancestralidade.

Acesso aos alimentos

As experiências demonstram que a agroecologia é estratégica para enfrentar a insegurança alimentar em territórios populares. Durante a sistematização de informações para a produção de boletins, chegamos à conclusão de que, durante a pandemia de covid-19, quintais e hortas foram fundamentais para o acesso a alimentos, seja para o autoconsumo, seja pela solidariedade expressa na distribuição de alimentos a vizinhos e na participação de redes de doação. Isso evidencia que a agroecologia não é apenas produção, mas também partilha e solidariedade em tempos de crise.

Uso de ervas medicinais e remédios caseiros

O plantio de ervas medicinais e a produção de remédios caseiros, como xaropes, pomadas, chás e vinagres, também expressam a integração entre agroecologia e saúde preventiva. Esses recursos ampliam as possibilidades de cuidado em territórios onde os serviços públicos de saúde são frequentemente precários ou insuficientes e contribui para a economia das famílias. Além de fortalecer a autonomia das famílias, essa prática mantém vivos os saberes tradicionais.

Melhorias ambientais

Os quintais e hortas desempenham também funções ambientais de grande relevância. Ao favorecer a infiltração da água da chuva, melhorar a qualidade dos solos e alterar o microclima, esses espaços revertem processos e criam condições de vida mais saudáveis. As árvores, arbustos e canteiros transformam a paisagem, gerando sombra, recursos para a fauna local e uma temperatura mais agradável em áreas densamente urbanizadas. A compostagem contribui para reduzir a quantidade de resíduos orgânicos nas ruas e enriquecer o solo. Assim, a agricultura urbana contribui para a saúde ambiental e coletiva.

Saúde mental

O cultivo da terra proporciona benefícios diretos à saúde mental. O ato de plantar e cuidar das plantas fortalece a autoestima, reduz o estresse e cria momentos de tranquilidade em meio às dificuldades cotidianas. Além disso, as redes comunitárias formadas em torno das hortas reforçam vínculos de solidariedade, diminuem o isolamento e ampliam o senso de pertencimento.

Ocupação e renda

As práticas agroecológicas oferecem alternativas de geração de renda e de ocupação produtiva. A venda de excedentes da produção, das mudas e dos produtos beneficiados, como os sabões ecológicos, biofertilizantes, pomadas e xaropes, representa uma fonte de recursos financeiros. Além disso, ao reduzir despesas com alimentação e cuidados básicos de saúde, essas iniciativas contribuem para a economia das famílias.

Fortalecimento das mulheres

O projeto evidencia que as mulheres estão no centro da agroecologia e da agricultura urbana. São elas que, em muitos casos, acumulam o trabalho doméstico, o cuidado com a família e a liderança comunitária, enfrentando ao mesmo tempo desigualdades de gênero, violência, machismo e racismo. A horta e o quintal produtivo tornam-se, nesse sentido, espaços de afirmação, onde as mulheres exercem autonomia, compartilham saberes e agruras e se fortalecem em redes de apoio.

Consciência política e garantia de direitos

As experiências coletivas de agricultura urbana fortalecem a percepção de que saúde, alimentação, moradia, transporte e meio ambiente são direitos a serem garantidos. A participação em redes e movimentos amplia a capacidade de incidência das comunidades, fortalecendo sua voz em processos decisórios. A agroecologia, nesse contexto, torna-se também uma prática de cidadania ativa.

Enfrentamento ao racismo ambiental

Os diálogos entre agroecologia e saúde expõem a realidade do racismo ambiental. São as populações negras, periféricas e historicamente marginalizadas que vivem em áreas com maior exposição a riscos ambientais, menor acesso a serviços públicos e maiores vulnerabilidades sociais. Ao recuperar territórios, produzir alimentos saudáveis, promover saúde e exigir reconhecimento, as práticas agroecológicas nas favelas se colocam como estratégias de enfrentamento ao racismo ambiental e de reivindicação por justiça socioambiental.

Agroecologia promove saúde

O projeto Agroecologia nas favelas: redes locais promovendo saúde demonstra que a agroecologia, além de garantir alimentos, é promotora de saúde integral em suas múltiplas dimensões: física, mental, social, ambiental, econômica e política. Ao valorizar o protagonismo das mulheres, fortalecer redes comunitárias, enfrentar desigualdades e denunciar o racismo ambiental, essas experiências apontam caminhos concretos para a construção de políticas públicas que articulem agroecologia, saúde e justiça social.

AS REDES COMUNITÁRIAS:

RELAÇÃO DAS INICIATIVAS DA SOCIEDADE CIVIL COM EQUIPAMENTOS PÚBLICOS (ESCOLAS, CRAS E UNIDADES DE SAÚDE)

O projeto Agroecologia nas Favelas: Redes Locais Promovendo Saúde promoveu, por meio dos Arranjos Locais, articulações territoriais com foco na promoção da saúde a partir da agroecologia, envolvendo clínicas da família, escolas e arenas culturais, além das organizações parceiras presentes no seu comitê gestor. As atividades junto aos equipamentos públicos foi um fator importante para alcançar públicos que ainda não estavam conectados aos trabalhos das organizações parceiras e contribuíram para uma reflexão sobre como a agroecologia pode estar inserida em diversas políticas públicas, principalmente de saúde, educação e meio ambiente.

A destinação de recursos para a mobilização territorial, contratando um articulador geral e um mobilizador comunitário para cada território foi também uma estratégia assertiva. Os mobilizadores atuaram como interlocutores diretos dos territórios junto com os técnicos da AS-PTA, auxiliando no planejamento, na organização das ações de campo e na implementação das tecnologias sociais escolhidas para cada território.

TECNOLOGIAS SOCIAIS ADOTADAS E POSSÍVEIS

A implementação de tecnologias sociais nos territórios movimentou os grupos, uma vez que foi necessária a elaboração de um diagnóstico de cada agroecossistema para definição das prioridades de melhorias que coubessem no orçamento do projeto. No AL Guaratiba, foram implementados dois sistemas de compostagem, duas hortas comunitárias e medicinais e uma horta pedagógica.

No AL Campo Grande foram implementados dois sistemas de compostagem, um desidratador de ervas e alimentos e um sistema de cobertura com sombrite para horta. No AL Vargem Grande foram implementados uma horta pedagógica, uma horta medicinal comunitária, um horta freática, um sistema de compostagem e um viveiro de mudas. No AL Alemão foram apoiadas três hortas comunitárias, dois sistemas de compostagem e um sistema de captação de água da chuva. No AL Penha, foram implementadas melhorias no sistema agroflorestal e iniciada a construção de um biodigestor.

Cada território apresentou seus desafios para implementação das tecnologias planejadas, desde dificuldades logísticas e burocráticas para compra dos materiais escolhidos, mudanças de autorização do uso do terreno, mudanças de gestão, conflitos internos dos coletivos, até conflitos armados entre facções e polícia, inviabilizando algumas ações. Apesar de todas as dificuldades e do pequeno aporte financeiro para as tecnologias sociais em cada território, a diversidade de tecnologias sociais proporcionou um salto de qualidade para a vida dos envolvidos, gerando oportunidades de intercâmbio para trocas de experiências e replicação das tecnologias. A segurança hídrica, o saneamento e a fertilidade do solo foram as questões mais frequentes na implementação de tecnologias sociais para a agricultura urbana.

CONTRIBUIÇÃO DA AGROECOLOGIA PARA A FORMULAÇÃO DE AGENDA PROPOSITIVA DE SAÚDE INTEGRAL NAS FAVELAS

A agroecologia na sua relação com a saúde é multi e/ou intersetorial e deve envolver diferentes secretarias ou locus de execução das ações públicas. Iniciativas de políticas públicas voltadas para a agroecologia enquanto ferramenta de promoção da saúde integral devem contemplar:

- hortas escolares, composteiras e educação ambiental em escolas;
- hortas e compostagem nas unidades de saúde e demais equipamentos públicos (arenas culturais etc.);
- formação dos agentes de saúde em agroecologia, incluindo produção agroecológica, cozinha e aproveitamento de alimentos e ervas medicinais;
- bolsas para pagamento de agentes comunitários e insumos para hortas comunitárias e quintais produtivos;
- fortalecimento das cozinhas comunitárias associadas à produção local de alimentos;
- garantia da execução do PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar com compra da agricultura urbana local;
- barracas e /ou feiras agroecológicas (ou sacolão volante) nas comunidades, estimulando economias solidárias (moedas sociais, por exemplo)
- garantia da formação e ocupação dos conselhos e espaços de controle social e construção de políticas públicas: CAE, CMDR, CMS, Consea, frentes parlamentares, comissões parlamentares etc.;
- tirar do papel a política municipal de agricultura urbana.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas, coletivos, organizações, que constroem conosco caminhos e possibilidades de transformação a partir e com os territórios populares. Cada encontro, cada intercâmbio e cada mutirão reafirmam a força da agroecologia como prática de cuidado, resistência, construção coletiva e promoção de saúde.

Agradecemos também às agricultoras e aos agricultores urbanos que, com seus saberes e práticas ancestrais, mantêm viva a luta por soberania e segurança alimentar e nutricional nas favelas.

Nosso reconhecimento especial à Fiocruz e ao Plano Integrado de Saúde nas Favelas pelo apoio e compromisso com o fortalecimento das ações comunitárias em saúde.

COMITÊ GESTOR DO PROJETO AGROECOLOGIA NAS FAVELAS: REDES LOCAIS PROMOVENDO SAÚDE

AS-PTA

Marcio Mattos de Mendonça
Mariana Portilho
Tomé Lima
Anna Carla Ferreira
Denis Monteiro
Saney Souza

Fundação Angélica Goulart

Ana Paula Rodrigues
Paulo Monteiro

Amigos da Horta Comunitária da Brisa

Maria Aparecida Cabral

Verdejar Socioambiental

Mara Sassara
Larissa Alves

Horta da Josefa

Josefa Santos
Jorge Luis Motta

Agrovargem

Sarah Rubia
Giovanna Berti
Eduardo Ribeiro

AAFA

Bernadete Montesano
Joselita Benjamin
Mariana Aguiar
Larissa Osório

CEM

Ana Santos (CEM)

Fiocruz Mata Atlântica

Valdirene Militão